

RESENHA - O CASACO DE MARX: ROUPAS, MEMÓRIA, DOR (PETER STALLYBRASS)

Danielly Dias Sandy¹
Luis Fernando Lopes²

“[...] as roupas têm uma vida própria: elas são presenças materiais e, ao mesmo tempo, servem de código para outras presenças materiais e imateriais.”

Peter Stallybrass

1 Introdução

Para muitos, a roupa é simplesmente um agregado básico do cotidiano; assim, a vestimenta pode variar de acordo com a temperatura local, modismos de época, grupos, situação econômica, faixa etária, entre outras razões. Para outros, a roupa, além disso, é elemento grandioso de disputa e de poder. Elemento marcante e limitador que celebra e anuncia a presença daquele que atravessa os espaços, impondo sua individualidade, também, a partir daquilo que veste. Para Peter Stallybrass (2008, p. 12), “pensar sobre a roupa, sobre roupas, significa pensar sobre memória, mas também sobre poder e posse”.

A ideia de que as roupas são meramente um fenômeno de consumo limita a percepção do invisível por trás do visível, do sutil por trás da matéria e da memória fundamentada na realidade sublime e transcendente dos objetos em si. Já no Renascimento, as roupas eram dotadas de profundo significado e lembranças que buscavam impedir o adormecimento daqueles que as vestiam e, como destaca Stallybrass (2008, p. 24):

“[...] as garotas eram tomadas como empregadas por um período de cinco a dez anos e seus contratos estipulavam que elas deveriam ganhar roupas e alimentação e, ao término de seu contrato, um dote. Na segunda metade do séc. XV, o dote era usualmente de oitenta liras, um dote que era quase sempre pago não em moeda, mas em roupas, incluindo roupas de cama.

Pode ser difícil para o homem da pós-modernidade, muitas vezes envolvido no afã e superficialidade do consumo pelo consumo, compreender em todas as esferas o que realmente isso representava para um espírito renascentista que, além disso, via no uso de boas vestimentas o mérito pelo amadurecimento de seu caráter e evolução espiritual. Ademais, até o início da manufatura de algodão barato, as roupas eram colocadas em testamento por

¹ Mestre em Museologia, Centro Universitário Internacional UNINTER, Curitiba, Paraná, Brasil, <https://orcid.org/0000-0002-4027-6189>. E-mail: danielly.s@uninter.com.

² Doutor em Educação, Centro Universitário Internacional UNINTER, Curitiba, Paraná, Brasil, <https://orcid.org/0000-0001-7925-9653>. E-mail: luis.l@uninter.com.

familiares e ou mestres, que reconheciam o valor econômico e extraordinariamente simbólico que essas peças possuíam. “Ao pensar nas roupas como modas passageiras, nós expressamos apenas uma meia-verdade. Os corpos vêm e vão: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem” (*Ibid.*, p. 10).

Atualmente, para certas classes econômicas, a rapidez e facilidade na aquisição de bens de consumo esvazia determinadas coisas de seu significado subjetivo e priva seus usuários e/ou proprietários das mais elevadas reflexões sobre a matéria, ou aquilo que efetivamente pode ser produzido a partir dela. Tais reflexões são necessárias porque podem elevar o indivíduo ao contato íntimo com a memória e, talvez, uma compreensão mais sólida da ideia de identidade e isso Stallybrass também promove, em certo nível, em sua obra *O Casaco de Marx*.

Compreende-se, ainda a partir desse livro, que a *práxis* do vestir ultrapassa a mera combinação de cores, tecidos e cortes, modismos, códigos econômicos, sociais e as necessidades básicas, porque o autor, não obstante, aborda os complexos vínculos que criamos com a memória que se forma nas coisas e seu significado. Sendo assim, a presente reflexão sobre roupas abrange mais que os aspectos formais dos objetos porque transcende a materialidade das coisas, buscando tratar do sublime, das passagens e das existências.

2 Os três ensaios

2.1 Primeiro Ensaio - *A vida social das coisas: roupas, memória, dor*

O livro *O Casaco de Marx – roupas, memória, dor*, de Peter Stallybrass, é dividido em três ensaios ou capítulos. No primeiro, intitulado *A vida social das coisas: roupas, memória, dor*, Stallybrass relata o que o motivou a iniciar seus estudos sobre roupas. Ele revela uma profunda e sincera relação de amizade que cultivou, por muitos anos, com seu melhor amigo – Allon White. Este, por sua vez, veio a falecer em 1986, vítima de leucemia, deixando uma dor profunda compartilhada entre Stallybrass e sua viúva, Jen White.

Após o falecimento do marido, Jen entrega a Stallybrass uma jaqueta de beisebol e, a partir desse objeto e da significativa memória embutida nele, surge o início dessa história. “Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente” (*Ibid.*, p. 14).

Assim, o autor escreve, de maneira a demonstrar profunda sensibilidade e carinho por seu amigo falecido, sua percepção sobre a presença da ausência de tudo aquilo que vai permeando seu texto com instigantes reflexões: “A roupa tende, pois, a estar poderosamente

associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente.” (*Ibidem*).

Envolto em divagações, Stallybrass, relata algumas de suas experiências com Allon. Descreve que sempre trocaram roupas e que chegaram a morar e a escrever um livro juntos, retornando, saudosamente, em determinada atmosfera de respeito e dor, ao objeto mais cobiçado que o inspirou a iniciar a pesquisa:

Ele a tinha comprado numa loja de objetos usados, perto da estação de trem de Brighton e seu mistério era, e é, bastante fácil de descrever. Ela é feita de um tecido de poliéster com algodão preto e brilhoso e a parte exterior ainda está em bom estado. Mas, interiormente, grande parte do forro está rasgado como se tivesse sido atacado por gatos raivosos. No interior, a única coisa que resta de sua antiga glória é o rótulo: “Fabricado expressamente para Turndof. Por Di Rossi. Costurado a mão (*Ibid.*, p. 9).

Ao afirmar “se eu vestia a jaqueta, Allon me vestia” (*Ibid.*, p. 10), Stallybrass parece querer demonstrar a força do valor simbólico incutido nas marcas de uso e do tempo, aparentes na jaqueta. Com isso, também é possível compreender que o valor simbólico atribuído às coisas não condiz, necessariamente, com o valor econômico, mas sim com as vivências e experiências presentes nas marcas desse objeto. “Ele estava lá nos puimentos do cotovelo [...] ele estava lá nas manchas que estavam na parte inferior da jaqueta; ele estava lá no cheiro das axilas. Acima de tudo, ele estava lá no cheiro” (*Ibidem*).

No texto, em diversos pontos, reforça-se que as roupas recebem, de quem usa, a sua marca; assim, tal marca é o que evidencia o valor da roupa como objeto com significado. O autor afirma, ainda, que acumular coisas não significa, necessariamente, dar-lhes vida; no entanto, além das ideias, as coisas também podem nos proporcionar frutíferas reflexões:

E apenas, acredito, num paradigma cartesiano e pós-cartesiano que a vida da matéria é relegada à lata de lixo do “meramente” – o mau fetiche que o adulto deixará para trás como uma coisa infantil, a fim de perseguir a vida da mente. Como se a consciência e a memória dissessem respeito a mentes e não a coisas, ou como se o real pudesse residir apenas na pureza das ideias e não na impureza permeada do material (*Ibid.*, p. 30).

Toda essa sensível concepção que Stallybrass traz em seu primeiro ensaio no livro, é substância movente para o campo poético da materialidade e imaterialidade das coisas, das roupas, do vestir. Somos agraciados por divagações que nos mostram o quão profunda pode ser a relação de um ser humano com um objeto muitas vezes rebaixado, talvez devido ao grande fluxo de consumo ou medo daquilo que consideram “apego”. Além de tudo, as roupas

ainda podem nos preencher de memórias difíceis, como a ausência de algo que não queremos ou mesmo não imaginamos perder, pois, ela carrega o fenômeno da continuidade.

Por fim, Stallybrass conta que Allon White morreu em sua casa vestindo um de seus pijamas e relembra sua jaqueta, repetindo que os mortos continuam vivos em suas roupas: “não posso lembrar Allon White como uma ideia, mas apenas como os hábitos através dos quais eu o habito, através dos quais ele me habita e me veste. Eu conheço Allon através do seu cheiro de sua jaqueta.” (*Ibid*, p. 37).

2.2 Segundo Ensaio - *O Casaco de Marx*

O segundo ensaio é mais descritivo e menos poético, porém, não deixa de motivar o leitor a refletir sobre um sentido subliminar das vestimentas. Assim, o texto: *O Casaco de Marx*, que inclusive nomeia o livro, relata as dificuldades de Karl Marx para escrever *O Capital*. Nessa obra, Marx explica conceitos do capitalismo e usa como exemplo um casaco, ou seja, seu próprio casaco. Este relato é bastante curioso e nos dá uma noção de que o vestuário foi também um problema para Karl Marx, conhecido como grande crítico do capitalismo e fomentador das ideologias socialistas.

Marx foi um intelectual alemão que instigou as massas operárias e Stallybrass ressalta sua delicada preocupação com a aparência e o bem-vestir. Na intensa pobreza em que vivia em Londres, durante a segunda metade do século XIX, mesmo recebendo doações de Engels, Marx precisou recorrer inúmeras vezes às lojas de penhores, nas quais o objeto principal das transações era o seu distinto casaco de inverno. Sua esposa, Jenny Marx, também frequentou tais lojas, para penhorar não somente peças suas e de seu marido, mas também de suas filhas e até da empregada. “Para ter um teto sobre a cabeça e alimento sobre a mesa, os materiais íntimos do corpo tinham que ser penhorados” (*Ibid.*, p. 79). O dinheiro arrecadado geralmente convertia-se em alimentos, papéis e tinta para o trabalho de jornalista de Marx, que recorria para tentar aumentar seu orçamento. De acordo com o relatório de um espião prussiano, citado por Stallybrass (2008, p. 30):

Marx vive em um dos piores – portanto um dos mais baratos – quartos de Londres. Ele ocupa dois quartos. Aquele que dá para a rua é a sala de estar; o dormitório está na parte dos fundos [...]. Tudo está quebrado e em pedaços, com um meio palmo de poeira sobre tudo.

Entre as décadas de 1850 e 1860, seu casaco foi condenado a ir e voltar diversas vezes dos penhores, como uma “gangorra da sobrevivência social” (*Ibid.*, p. 79). O inconveniente

disso para sua carreira foi que, sem ele, não se sentia bem e à vontade para frequentar a biblioteca do Museu Britânico, onde iniciava as pesquisas para a produção de *O Capital*. Sua preocupação maior não era a exposição ao frio, mas com a fragilidade de sua respeitabilidade, pois sem o seu casaco de inverno não estaria vestido de maneira condizente com tal ambiente de estudo:

[...] o salão de leitura não aceitava simplesmente qualquer um que chegasse a partir das ruas; e um homem sem um casaco, mesmo que tivesse um passe de entrada, era simplesmente qualquer um. Sem seu casaco, Marx não estava, em uma expressão cuja força é difícil de reproduzir, “vestido em condições que pudesse ser visto” (*Ibid.*, p. 65).

Stallybrass versa, também, sobre a origem da palavra fetiche — feitiço — que foi um conceito desenvolvido para atribuir significado, ou mesmo demonizar as coisas, dotando-as de determinado dom e/ou energia. Algo para escravizar outras pessoas seria como a degeneração do objeto e salienta que “os empreendedores europeus proclamavam seu desapego relativamente aos objetos, enquanto, ao mesmo tempo, de forma “fetichista”, os colecionavam” (*Ibid.*, p. 44).

Para Marx, o problema não era o fetichismo, mas uma forma específica de fetichismo que tomava o objeto como seu; não o objeto animado pelo amor e pelo trabalho, mas o não-objeto, esvaziado de sentido. No lugar do casaco havia um valor transcendental que apagava tanto o ato de fazer o casaco quanto o ato de vesti-lo.

Marx define o capitalismo como o processo de universalização da produção de mercadorias e a forma celular da economia, que ocupa o primeiro capítulo de *O Capital*, é representada por um casaco, como uma abstração do capitalismo. Entretanto, Stallybrass declara que o casaco de Marx e dos operários poderiam ser qualquer coisa, inclusive uma forma de identidade social, menos uma abstração.

No livro de Marx, o casaco faz sua primeira aparição não como um objeto que é fabricado e vestido, mas como uma mercadoria que é trocada; e a mercadoria no capitalismo é considerada fria e se alimenta cruelmente da exploração do trabalho humano. Entretanto, não havia “meras coisas” para Marx e os operários sobre os quais ele escreveu, porque: “as coisas eram materiais – as roupas, as roupas de cama, a mobília – com os quais se construía uma vida; elas eram o suplemento cujo desfazer significava a aniquilação do eu” (*Ibid.*, p. 80). Assim, Stallybrass finaliza esse capítulo declarando que:

Tornou-se um clichê dizer que nós não devemos tratar as pessoas como coisas. Mas trata-se de um clichê equivocado. O que fazemos com as coisas para devotar-lhes

um tal desprezo? E quem pode se permitir ter esse desprezo? Por que os prisioneiros são despojados de suas roupas a não ser para que se despojem de si mesmos? Marx, tendo um controle precário sobre os materiais de autoconstrução, sabia qual era o valor de seu próprio casaco (*Ibid.*, p. 65).

2.3 Terceiro Ensaio - *O mistério do caminhar*

O capítulo final, *O mistério do caminhar*, é dedicado ao pai do autor, ao mesmo tempo em que evoca personagens como Édipo. Utiliza, também, textos de Primo Levi para analisar conscientemente o ato humano de caminhar e se deslocar por si mesmo — prática comum que nos acontece diariamente, mas sem qualquer reflexão. Ao contar sobre o enigma da Esfinge, do “decifra-me ou devoro-te”³, Stallybrass destaca o que, para ele consiste em um profundo mistério — o caminhar. Além disso, discorre sobre a estranheza deste enigma, por ter sido realizado por uma Esfinge que não anda sobre duas patas, mas sobre quatro patas, ao mesmo tempo em que é possuidora de asas. Ademais, o enigma foi proposto a Édipo, o qual já possuía certas dificuldades para caminhar sobre seus dois pés.

Mas é, talvez, precisamente por causa dessa dificuldade que Édipo é a pessoa apropriada para resolver o enigma. Para ele, caminhar não é algo natural: é um problema. Édipo, por não ter um equilíbrio perfeito, representa a estranheza e a dificuldade do ato de equilíbrio pressuposto pelo caminhar. Para ele, o caminhar é perturbado pela perda de equilíbrio, por passos em falso, por quedas, pela tendência de mancar, pelo enrijecimento das articulações. Na verdade, o enigma da Esfinge simplifica a dificuldade do caminhar (*Ibid.*, p. 65).

Ao discorrer sobre o conto de Rei Lear, o autor faz uma relação com o mito de Édipo, comentando “o enigma do pé deve sua eficácia ao fato de que o pé é algo que normalmente não merece atenção.” (*Ibid.*, p. 92). No teatro da Renascença, Rei Lear sempre estava calçado com suas botas, apoiado sobre os pés de seu trono, carregado por seus servos ou montado em seu cavalo.

Entre os membros da aristocracia do Renascimento, o ato de vestir ou tirar as botas exigia o auxílio de empregados. Tal atitude gerava o símbolo de um interessante paradoxo, pois, enquanto as botas tornavam aquele que as vestiam apto para enfrentar todos os desafios, ele demonstrava dependência ao precisar de outros para vesti-las.

De acordo com Stallybrass, o ato de colocar e tirar de botas mostrava a Lear a sua dependência, levando à lembrança da importância das vestimentas na trajetória diária do corpo, e ainda a ideia de que “elas fazem parte de um sistema mais amplo de indumentárias que fez do vestir e do desvestir uma atividade social obrigatória.” (*Ibid.*, p. 95). No final da

³ Édipo foi nomeado Rei de Tebas após desvendar o enigma da Esfinge “qual é a criatura que caminha com quatro pés pela manhã, dois ao meio-dia e três à noite? Ele derrota a Esfinge ao dar a resposta correta: o ser humano.” (*Ibid.*, p. 87).

peça, Lear aparece velho carregando o corpo de sua filha, Cordélia, representando um rei que na velhice caminha com sobrecarga.

Após refletir sobre a peça Rei Lear, Stallybrass apresenta rapidamente os livros do Primo Levi — *É isto um Homem?* e *A Trégua* —, destacando as partes que mencionam o mistério do caminhar e a importância de se encontrar sapatos certos para a sobrevivência do ser humano, porque se trata de um pré-requisito para a vida.

A necessidade de se ter sapatos que sirvam é encoberta pela própria simplicidade e familiaridade dessa necessidade. Pés amaciados por terem antes calçado sapatos ou pés expostos ao frio exigem a proteção de calçados. Sapatos que sirvam, como mostra Levi, podem ser a condição do caminhar, a condição da sobrevivência (*Ibid.*, p. 101).

Por fim, Stallybrass demonstra sensibilidade ao compartilhar com os leitores o que o inspirou a escrever esse terceiro texto: o episódio em que subia um monte na Escócia, com seu irmão e seu pai, esse com 80 anos. Após subirem 1.800 metros, faltando apenas 70 para o topo, seu pai já estava bastante cansado e resolveu desistir do percurso; a partir dessa experiência, ele passou a escrever suas memórias, pouco tempo antes de morrer.

[...] imagino os dedos do meu pai percorrendo distâncias, todos os dias, no seu velho computador Amstrad, enquanto relembra todos aqueles que lhe deram as mãos em sua vida, todos aqueles a quem ele ofereceu sua mão. Imagino-o, tal como Édipo, buscando seus pés enquanto caminha em direção à luz (*Ibid.*, p. 102).

3 Considerações finais

O nível de lucidez com que Peter Stallybrass conseguiu trabalhar em seu texto provoca uma nova percepção ao leitor em relação às vestimentas. Em nenhum momento o autor escreve sobre moda, pois o que ele busca é discorrer sobre a transformação de uma simples peça de roupa em um objeto de memória e de análise, envolto em significados e representações.

Ademais, esse texto aborda, de maneira poética e quase subliminar, a vulnerabilidade humana, do quanto precisamos de uma “terceira perna” em nossa jornada como apoio na simples ação de caminhar. Esta “terceira perna” pode ser representada tanto pelas mãos de seres animados, pelo Sopro do Absoluto, quanto pelo toque de seres animados apenas por significados que criamos e atribuímos-lhes. Ou seja, nada é simplesmente inanimado e desprovido de conteúdo ou carga, porque, na realidade, tudo o que existe torna-se veículo da memória: uma jaqueta, um casaco de inverno, um par de sapatos.

Ao ignorarmos o valor e a necessidade das coisas, deixamos de lado também o valor da existência humana e sua capacidade de criar. A existência humana não é algo isolado e o mito de Édipo demonstra, ainda, que não somos autossustentáveis; se assim pensarmos dessa forma, podemos cair nas limitações da cegueira para então, após muito sofrimento, abriremos os olhos internos da consciência de que ninguém caminha só.

Referência

STALLYBRASS, Peter. **O Casaco de Marx: roupas, memória, dor**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.